

VALE DE LAMA, RIO DE HISTÓRIAS

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade].

No dia 25 de janeiro de 2019 a barragem de rejeitos da Vale ruiu em Brumadinho/MG. Dias depois, entre 4 e 6 de fevereiro, tive a oportunidade de participar da *Expedição Minas de Lama* - organizada pelo Departamento de Geociências da UFJF [Universidade Federal de Juiz de Fora] - no vale do rio Paraopeba, onde a lama de rejeitos de minério de ferro ainda avança exaurindo territórios. A Expedição teve início no município de Felixlândia/MG e terminou em Brumadinho/MG. Os 3 dias de experiência de campo deixaram evidentes as distintas implicações do desastre no vale do rio Paraopeba. Foi perceptível o lastro de prejuízos socioeconômicos, medo e incerteza do futuro comum em espaços de existência coletiva como bairros, condomínios, comunidades e assentamentos rurais. As próprias vozes dos sujeitos sociais com quem conversei nos dias da Expedição documentam os efeitos irreversíveis do desastre. São vozes de mulheres e homens de lutas, sonhos e grafias de vida que, de repente, foram assaltadas pela lama.

Eis alguns relatos, “rios de histórias”.

Manoel¹ é morador de um condomínio em uma área rural do município de Felixlândia, a 247 km de Brumadinho. Para ele, o medo chegou no lugar onde vive primeiro do que a lama. *“Aqui o medo e tristeza chegaram antes da lama. Nesta semana despedimos do rio. Foi um gesto simbólico. O Paraopeba é um rio sagrado, ele alimenta muitos que têm fome, dá o de beber para cidades inteiras, sacia a sede de animais, diverte as pessoas. Suas águas irrigam plantas de lavouras inteiras. É um rio muito importante, é sagrado.”*

O segundo lugar visitado pela equipe da Expedição foi outro condomínio em Felixlândia e também nas margens do rio Paraopeba, onde conversei com Garcia². Para ele a sensação de tristeza era inominável. *“Desde que rompeu a barragem, o que sinto não tem nome direito, é tristeza, vontade de chorar, raiva e dúvida. Não sabemos o que irá acontecer conosco. Investimos para ter uma casa, um lugar de lazer e descanso. Veja esse lugar, a Cachoeira do Choro, é um lugar bonito, parece uma brincadeira ser chamado assim. As lágrimas não bastam para explicar a tristeza ao pensar no que a lama furá com o rio Paraopeba.”*

Na manhã do segundo dia de caminhada geográfica, o sol amanheceu disposto a brilhar para todos, menos para Andrade³, um agricultor de 53 anos, em Curvelo/MG.

“Nasci e cresci aqui na região, vivo da terra e do trabalho rural. Mas, desde que a notícia da barragem chegou eu não durmo direito, acordo assustado, sem o que fazer com meu gado e com as lavouras. Ofenderam nossa história, nossa vida que seguia tranquila.” De poucas palavras, respirou e disse finalmente: *“envenenaram as águas do Paraopeba, a morte caminha com a lama rio abaixo.”*

No Assentamento Rural Dois de Julho, em Betim/MG, na região metropolitana de Belo Horizonte/MG, um camponês confessou: *“antes de acontecer esse desastre de lama, o gado ia até o rio tomar água. Agora tivemos que tirar o gado e não sabemos o que fazer. A lama no rio é prejuízo para nós.”* Após detalhar as perdas acumuladas nos lotes dos ribeirinhos no Assentamento, o mesmo trabalhador concluiu: *“o peso da lama de rejeitos, rejeitos de ferro né, também triturou nossos sonhos.”*

No início da tarde do último dia da Expedição chegamos em Brumadinho. O caminho que leva até a cidade revela serras que escondem feridas abertas por décadas de mineração a céu aberto.

Logo, ao caminhar nas ruas da cidade e parar numa lanchonete, conheci Euclides⁴, um trabalhador da Vale que presenciou o momento do desastre. *“Quando vi aquilo tudo tampado de lama, bateu um desespero e liguei para o E, para o H, para o M, para o R... só caía na caixa postal, não consegui falar com ninguém. Só depois acharam alguns corpos e entre eles muitos amigos. Bateu um desespero muito grande. Logo depois o meu telefone não parava de tocar, era gente ligando querendo saber de notícias de parentes. Eram esposas, pais, filhos, netos, todos desesperados. É triste, machucou o povo de Brumadinho.”*

Finalmente, destaco as palavras de Regina⁵, moradora do bairro Parque da Cachoeira, com quem conversei depois de observar a paisagem desoladora no vale do ribeirão Ferro-Carvão. Ao perguntá-la acerca do futuro nesse lugar, ela respondeu: *“não sei explicar, está difícil. Não quero sair daqui, mas, infelizmente eu penso que o futuro daqui não vai ser bom. Já falam que vai aparecer muitos tipos de doenças.”* Com a voz embargada pela emoção e os olhos orvalhados de lágrimas, continuou de maneira conclusiva: *“a tristeza não vai acabar fácil, as pessoas parecem chorar por dentro, em silêncio, como eu estou sentindo. É muita dor para segurar em silêncio.”* ■■■
1;2;3;4;5 - Nomes fictícios, pessoas reais, sofrimentos sem fim.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.